

A CRIAÇÃO E A PREMISSA DA RACIONALIDADE HUMANA: UM OLHAR HERMENÊUTICO – Prof. Dr. Ademar Heemann

Nietzsche já enfatizava que as noções e crenças ditas eternas tinham uma história. Para a história da razão, as conjecturas da teoria evolucionária apontam o surgimento do neocórtex e a gênese da consciência no processo de hominização sob as forças da seleção natural. No mito grego e hebraico, essa gênese vinculava-se à desobediência e, em consequência, ao castigo, à condenação. As tradições orais a esse respeito, que se perdem no tempo, receberam versões escritas por volta do séc. VII a.C. Na Grécia, escreve-se sobre Prometeu, que, desobediente, rouba a fagulha e o conhecimento divinos. Como castigo, fica preso por inquebráveis correntes, enquanto uma águia de longas asas enviada por Zeus comia-lhe o fígado imortal. Nessa época, na Babilônia, os sacerdotes hebreus consolidavam num escrito duas tradições, uma das quais versava sobre o jardim do Éden, a gênese do conhecimento e o castigo. Usando as palavras de Sartre¹, num outro contexto, com o advento da inteligência, passa a existir o homem: um ser condenado a decidir. Sob o olhar do épico evolucionário, essa é uma condenação não criada, não inventada pela inteligência, mas determinada pela história da vida, ou processo evolucionário.

Enquanto essas mitologias recebiam as suas versões escritas, estava em curso a criação cultural de uma nova *arrumação do mundo* de natureza racional. Os gregos inventavam uma teoria da natureza, fundamento último de toda realidade. Daí, a premissa “Age conforme a natureza”. Para seguir a natureza, seria necessário determinar a sua essência, que, o no caso do homem, é a razão. Por isso, o distintivo do “animal racional”. As invenções posteriores (as teorias são inventadas), permitiram-me, no mundo contemporâneo, enunciar que “o homem é um animal emocional, com lampejo de razão”!²

¹ SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p.9-28

² Veja mais sobre essa reflexão em HEEMANN, Ademar. *Natureza e ética: dilemas e perspectivas educacionais*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 1998; HEEMANN, Ademar. *O corpo que pensa: ensaio sobre o nascimento e a legitimação dos valores*. Curitiba: Guerreiro, 2005 e HEEMANN, Ademar. *Metodologia da pesquisa e epistemologia*. Curitiba: IEPG, 2008, de onde, em parte, esses temas foram transcritos.

A criação grega no séc. VII a.C. se caracteriza como uma ruptura com a visão de mundo anterior, em que os costumes eram inalteráveis: a divindade não era questionada, nem o seu representante, o soberano que ditava o certo e o errado. Os gregos, no entanto, com os recursos da razão, entronizam a natureza no lugar da divindade. Uma troca de ídolos? Esse evento, denominado também como “o milagre grego”, marca o nascimento da filosofia, da desdivinização e ordenação do mundo natural. Destronada a divindade, perdurava, no entanto, a noção, a crença do absoluto, do eterno, do imutável.

Nessa concepção, seguir a natureza equivale a seguir a razão. Seguir a razão é o correto, é o bem, é o ético. O contrário, a paixão, equivale ao errado, ao antiético. Essa idéia chegou aos dias de hoje por intermédio da religião, pois em 312 d.C., Constantino, o imperador romano, converte-se à dissidência judaica conhecida como cristianismo primitivo. A filosofia fica então sob a tutela religiosa. Em decorrência, mais tarde, Platão e Aristóteles foram “cristianizados”, na fusão das idéias gregas com as do cristianismo. As chamadas leis naturais, como quer que as concebiam os gregos, foram divinizadas. A idéia grega de *razão* como princípio hermenêutico da natureza, transposta para o pensamento religioso, produz a natureza sobrenatural, uma nova arrumação do mundo.

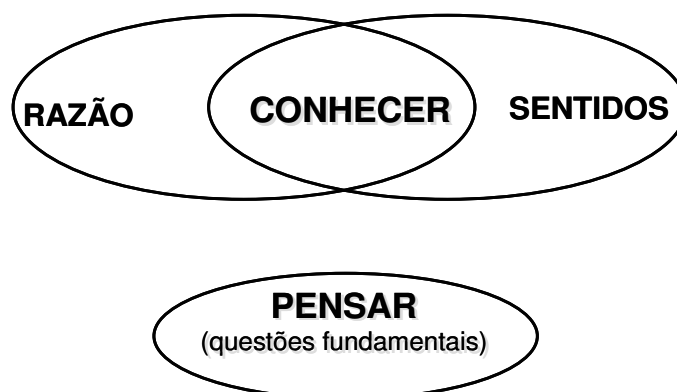
Nessa perspectiva religiosa, o “agir conforme a natureza”, seguindo a razão, equivale à virtude. O contrário, ou seja, a paixão equivale ao pecado. Uma síntese de duas teorias originando a terceira, ou seja, a Escolástica, doutrina dominante na igreja medieval, que se estende até 1.400 d.C..

Em contraposição, nasce uma operação desmanche, o renascimento! De um modo resumido, significava, na filosofia, o retorno à cultura clássica (sem a tutela religiosa); na religião, o anseio pelo retorno aos textos bíblicos (distinguindo-os da tradição e das categorias do racionalismo grego); no plano político-econômico, o antcentralismo, a decadência do feudalismo e a ascensão mercantilista. Após a reforma protestante e desdobramentos posteriores, tem-se o Iluminismo, a modernidade, uma nova arrumação do mundo.

Em consequência dessa operação desmanche e desmitificadora, Kant (1724) faz uma exuberante descrição da ruptura que caracteriza o Iluminismo e

demarca os campos da Modernidade. Conforme está ilustrado na figura adiante, fica evidenciada a criação de uma diferença entre *Pensar* e *Conhecer*. Nesse contexto kantiano, ou moderno, “podemos pensar em Deus, mas não conhecê-lo”. Essa frase ilustra a passagem, a mudança do pensamento medieval para o moderno. Uma concepção que visualiza a mente humana em suas duas dimensões: da *razão* e do *pensamento*. A dimensão da razão interage com os *sentidos* e gera o *conhecimento* (ciência). O conhecimento, portanto, passa pela percepção dos sentidos, como queria David Hume, mas depende também de uma dimensão do pensar, como queria Descartes. Desse modo, valendo-se das duas teorias, a de Hume e a de Descartes, Kant cria uma terceira teoria e, assim, explica o mundo Moderno.

A DEMARCAÇÃO KANTIANA DA MODERNIDADE



O “conhecer”, aqui, não responde às outras indagações mais fundamentais e imperscrutáveis que a mente insiste em formular, no âmbito do “pensar”, tais como: “por que não o nada”?, “por que o universo”? Na perspectiva kantiana, distingue-se o conhecer dessas verdades do coração, do pensar, situadas além das explicações, além do domínio que, mais tarde, o filósofo da ciência Popper cunhou como o conhecer refutável e discutível.

Assim, é na esteira desse processo histórico que marcou a revolução interna do cristianismo, inserido nos conflitos sócioeconômicos da época, que, também,

foram construídas as idéias de sujeito, indivíduo, separação igreja/estado e as demarcações entre conhecimento e fé.

Com essa ruptura, abrem-se os caminhos para as mudanças na “maneira imediata, espontânea, de enxergar a realidade”, pois 1) a partir de Marx, enxerga-se a realidade em sua base material e como uma arena de conflitos; 2) a partir de Freud e a teoria do inconsciente, pensa-se a subjetividade como um conflito interno permanente³ e 3) a partir de Darwin, com a seleção natural, a vida já não é estática e fixa, mas dinâmica e em permanente evolução.

Na esteira dos desmitificadores modernos é possível, agora, refletir sobre o conceito de *ciência* como o campo que não se ocupa com verdade mas com as conjecturas refutáveis ou, pelo menos, discutíveis. Assim, enunciados que ainda não são científicos poderão vir a ser, quando atingirem o patamar, senão da refutabilidade, pelo menos da discutibilidade.

Os caminhos da razão no ocidente também deram margem à exploração ideológica. Para exemplificar, veja-se o exemplo de Aristóteles. Em nome da lucidez racional e da lógica, apregoava que alguns nasceram para serem servos e outros para serem senhores. Por outro lado, a veemente crítica à ideologia e o abandono do finalismo levaram à oposição e ao abandono também das considerações qualitativas, não mensuráveis ou não acessíveis ao exame direto da realidade. Assim, amplia-se a dicotomia entre emoção *versus* razão. Nesse contexto de um possível descaminho da razão na modernidade, fica evidente a relevância de uma contribuição da hermenêutica, que tem na palavra *compreensão* o seu conceito principal.

EMOÇÃO E RAZÃO: A dualidade *compreender* e *explicar*, que tem sido utilizada para explanações a respeito dos limites entre as ciências humanas e as naturais, será aqui utilizada para tratar da falsa antinomia emoção e razão. Suas origens, já foi citado, remontam ao milagre grego, quando foi gerada a controvérsia que marcou a cultura ocidental sob a denominação cultura *versus*

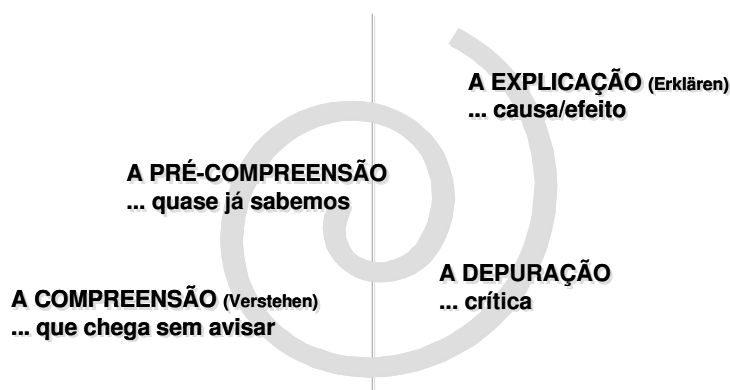
³ Baseado em CALLIGARIS, Contardo. Em companhia de Freud.. *Folha de São Paulo*, 18 de maio, 2008. Ilustrada.

natureza. *Grosso modo*, para as humanidades, a palavra-chave seria a *compreensão* e para as ciências exatas e naturais, a *explicação*.

O conceito de *compreensão* liga-se historicamente à clássica dualidade entre *dianoia* e *nous*, do grego, *ratio* e *intellectus* no latim: *razão* (sede do pensamento racional mais elaborado) e *intelecto* (ao qual dizem respeito a empatia, a intuição, a emoção, o sentimento e o subjetivo). Essa dualidade remete ao par de conceitos *explicar* (Erklären, em alemão) e *compreender* (Verstehen, também em alemão). Nas ciências, busca-se, mediante o reducionismo metodológico, o nexos causa-efeito, isto é, a explicação. *Compreender*, no entanto, implica a apreensão de um sentido, transcendendo, pois, à explicação causal.⁴

A explicação, como já foi indicado, pressupõe uma compreensão prévia. Assim, descrever ou interpretar um fenômeno implica já tê-lo compreendido, pois, conforme Heidegger, "interpreta-se o mundo já compreendido".⁵ Mas essa compreensão depende de um evento ainda mais original: a pré-compreensão.⁶

Compreender e Explicar



FONTE: HEEMANN, Ademar. *Metodologia da pesquisa e epistemologia: apontamentos*. Curitiba: IEPG, 2008, p..23

⁴CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica*. São Paulo: E.P.U., 1973. p.45-48.

⁵Do original "Die schon verstandene Welt wird ausgelegt". Cf. HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tuebingen: Max Niemeyer, 1977. p.148; 150.

⁶GADAMER, Hans-Georg. *Wahrheit und methode*. Tuebingen:J. C. B. Mohr, 1965. p.275.

No contexto poético, Clarice Lispector disse uma vez que “algumas coisas acontecem antes de acontecer”. Trata-se do primeiro acesso ao horizonte de pressupostos que originam uma nova compreensão, resultando daí uma reciprocidade. Nos termos de Gadamer, “assim se movimenta a dinâmica da compreensão, do todo para a parte e de volta para o todo.”⁷ Essa reciprocidade, chamada de “estrutura circular da compreensão”, também poderá ser visualizada na forma de uma espiral ascendente, conforme a ilustração anterior.

Esse horizonte de pressupostos e compreensões prévias (ideologia, intuição, sonhos), presente no contexto da descoberta, é, compreensivelmente, omitido no contexto do relato científico, que procura enfatizar⁸ a objetividade na relação sujeito/objeto. Paradoxalmente, tal fato parece não impedir as possibilidades de trânsito entre o domínio das ciências naturais e o das humanidades no contexto da descoberta. Em outras palavras, a descoberta transcenderia aos limites impostos pela disciplinaridade, por exemplo. Quantos cientistas já não revelaram que acreditam terem chegado às suas teorias a partir de “sonhos ou estados semelhantes ao do sonho, por força de um lampejo de inspiração e até mesmo em virtude de mal-entendidos, de enganos”⁹. Daí que, como foi dito anteriormente, as teorias são inventadas, elas, como tantos afirmam, não nascem dos dados.

Nesse clima de incertezas, são úteis as palavras de Gadamer, enunciando que a dinâmica da compreensão se movimenta “do todo para a parte e de volta para o todo”. Quer dizer: a oposição compreender/explicar só poderia ser presumida quando se acreditasse que, por um lado, a *explicação*, obtida pela *redução* do fenômeno à(s) sua(s) causa(s), fosse o componente único do método científico e, por outro, a *compreensão* fosse uma ferramenta exclusiva das humanidades.¹⁰ Ora, de acordo com as exposições anteriores (círculo hermenêutico e holismo/reduccionismo), quem *explica* já compreendeu, ou seja, só resolvemos problemas que já foram compreendidos. Como diz com razão

⁷LADRIERE, Jean. *Filosofia e práxis científica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. p.23

⁸Sobre o papel da intuição como fator preponderante nas descobertas e invenções da Física, cf. BASSALO, José M. Filardo, *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 38, n. 11, p. 1835-1848, nov. 1986.

⁹Relato de POPPER, *apud* MAGEE, E. Bryan. *As idéias de Popper*. São Paulo: Cultrix, 1974. p.38.

¹⁰Tradução livre do original "So leuft die Bewegung des Verstehens, stehts vom Ganzem zum Teil und zurueck zum Ganzem. Cf. GADAMER, *op. cit.*, p.119-120.

Drummond, “se procurar bem, você acaba encontrando não a explicação (duvidosa) da vida, mas a poesia (inexplicável da vida)”.

Por isso, ao interromper essa argumentação sobre criatividade, fica reforçada a idéia de que ela não é ensinada, mas pode ser atrapalhada, quando o mestre assume a postura de ensinador. A criação ainda guarda mistérios que estão além da razão explicativa, persistindo, então, uma esperança no diálogo compreensivo, quando os interlocutores participam de uma aventura intelectual e existencial em que, nas palavras de Ladrière¹¹, o “homem se arrisca, se experimenta e se constrói”.

¹¹ LADRIÈRE, Jean. A articulação do sentido. São Paulo : EPU, 1977. p. 155